



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

BEATRIZ COUBE GERK ANDREOLLI

**PSICANÁLISE E VELHICE: UMA PERSPECTIVA ACERCA DAS MARCAS
DO TEMPO E DAS POSSIBILIDADES DIANTE DO IMPOSSÍVEL**

**NITERÓI
2025**

BEATRIZ COUBE GERK ANDREOLLI

**PSICANÁLISE E VELHICE: UMA PERSPECTIVA ACERCA DAS MARCAS DO
TEMPO E DAS POSSIBILIDADES DIANTE DO IMPOSSÍVEL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com habilitação em formação de Psicólogo.

Orientador(a): **Prof^a Dr^a FLÁVIA LANA
GARCIA DE OLIVEIRA**

**NITERÓI
2025**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A555p Andreolli, Beatriz Coube Gerk
Psicanálise e Velhice : Uma perspectiva acerca das marcas
do tempo e das possibilidades diante do impossível / Beatriz
Coube Gerk Andreolli. - 2025.
42 f.

Orientador: Flavia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2025.

1. Revisão crítica acerca da velhice. 2. As marcas da
velhice. 3. As possibilidades diante do impossível da
velhice. 4. Considerações finais. 5. Produção intelectual.
I. Oliveira, Flavia Lana Garcia de, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III.
Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO

BEATRIZ COUBE GERK ANDREOLLI

PSICANÁLISE E VELHICE: UMA PERSPECTIVA ACERCA DAS MARCAS DO TEMPO E DAS POSSIBILIDADES DIANTE DO IMPOSSÍVEL

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com habilitação em formação de Psicólogo.

Aprovada em julho de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**
Data: 16/07/2025 08:36:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Flavia Lana Garcia de Oliveira (UFF) – Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO DE SA**
Data: 15/07/2025 10:13:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo de Sá (UFF)

Documento assinado digitalmente
 **TALITA BALDIN**
Data: 22/07/2025 21:23:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Talita Baldin (UFF)

NITERÓI
2025

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, quem primeiro me olhou e me trouxe à vida. Não fosse por uma insistência incansável sua, não seria eu. Seu olhar carinhoso não me deu outra alternativa a não ser procurar e encontrar o amor em tudo o que faço. Obrigada por deixar com que me apegue em seus braços e me engrandeça diante do mundo.

Ao meu pai, por ser a mão que segura a minha em todos os passos. Enfrentamos a escuridão e encontramos a luz em todo final de caminho, juntos. Obrigada por sempre ter dito que eu trabalharia com as palavras – essa é a sentença mais bonita que já recebi.

À minha irmã, corajosa e desejante. Se você não tivesse trilhado tudo antes de mim, minha vida não teria sido o que foi. Como eu disse bem pequena, quando estava no céu escolhi ser sua irmã, e por isso vim. Levo a sério as minhas palavras de criança.

Ao meu amor, Gabriel, que dá tamanho a tudo o que sinto e a todos os meus sonhos, me acompanhando em qualquer empreitada. Foram longas as horas em que me escutou falando sobre esse trabalho, assim como são longas as horas em que me escuta falando sobre tudo. Sou ouvida por você e existo nesse ato. Obrigada por me apresentar tudo de bonito, por me fazer conhecer o teatro. Com você há sempre o amanhã.

À minha avó Didi (*in memoriam*), que fez com que eu me sentisse suficiente. Nunca achei que podia ser mais ao seu lado: era o que podia ser e isso sempre bastou. As minhas notas 6 com você eram todas 10. Lembro com vivacidade dos seus choros por ter pena de um dia morrer e não esqueço dos seus olhos brilhantes e do seu sorriso largo, do seu desejo incontrolável pela vida. Todos os dias eu penso em você.

À minha avó Elza (*in memoriam*), que sempre amei, mas criei amor ainda mais gigante com o tempo. Hoje eu sei que amor se alimenta e cresce. Sua ternura me acompanha em tudo o que faço. Quase sinto sua pele macia enquanto escrevo essas palavras. Acho que nunca a perdi.

Ao meu avô Sérgio (*in memoriam*), pela risada alta e presença inesquecível. Era um homem firme e amoroso, de abraço forte e alegria espalhafatosa. Quando penso nele, sinto meus ossos endurecerem. Lembro que estou viva.

Ao meu padrinho, que agora enfrenta a maior batalha da vida. Tenho medo do futuro, sei que você também. Mas, como você disse, “quem tem amor tem tudo”. Nós temos tudo.

À minha Tia Íris, entusiasta dos meus passos, torcedora da minha vida. Estamos juntas sempre.

À minha prima Maria Clara, que não economiza o seu amor e ilumina o meu caminho. Obrigada por ter chegado e mudado as nossas vidas.

Às minhas tias, aos meus tios, às minhas primas e aos meus primos, que viveram tudo comigo, que me deram apoio e energia para ser quem sou. Tenho sempre para onde voltar, tenho sempre do que sentir saudades.

Aos meus bichinhos de estimação, por carinhos infinitos e companhias silenciosas.

À Fatinha, que sempre me recebeu e festejou com tanto amor e cuidado.

À Karla e Miriam, família que chega.

Às minhas amigas de faculdade, pelo amor e confidencialidade construídos. À Ana Clara, que, em meio a tantas possibilidades de desperiodização, seguiu junto comigo e fez com que o apaixonamento pela psicanálise e pela saúde mental se dessem em conjunto. Sua amizade foi, muitas vezes, o fio que possibilitou a vida. À Helena, Mariana e Amanda, pelas conversas e risadas criadoras de fôlego.

Às amigas e aos amigos da vida – que não cabem nem aqui, mas sabem quem são - por se interessarem pelo que faço, ainda que por vezes não saibam o que é, e vibrarem por mim. São tantos que chegaram e ficaram durante esse percurso que não posso me sentir outra coisa senão muito sortuda e bem acompanhada.

À Ricardo de Sá, quem me apresentou a psicose e a possibilidade de trabalhar em rede. Levo comigo as suas palavras, delicadas e firmes, de quem desconfio que me conhece muito e me respeita por isso. Suas aulas e supervisões mudaram o meu trilhar. Serei eternamente grata.

À Flavia Lana, generosa em seu compartilhar, guiando os meus passos sempre que possível, responsável pelo primeiro contato apaixonante com a psicanálise, momento em que soube que não haveria outro caminho a traçar.

À Nyara, minha analista, por dar lugar – e importância - à minha voz.

Aos pacientes e usuários, pela confiança ao dividirem comigo a sua história. Foi na escuta de cada uma dessas vozes que se fincou o desejo de fazer o que faço.

À equipe do Centro de Atenção Psicossocial III Franco Basaglia, pela companhia de trabalho durante essa escrita, que por vezes se deu a duras penas, mas sempre sob a leveza de estar bem acompanhada e podendo apostar no que acredito.

À equipe do Serviço de Internação Masculina do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, por terem segurado a minha mão na primeira experiência com a psicose.

Aos que vieram antes de mim e não conheci, mas carrego na pele.

A esses e a tantos outros, dizíveis e inomináveis, por atravessarem essa vida comigo, por me despertarem tanto amor a ponto de não ter medo da morte.

Por fim, ao tempo, que, quando muito generoso, cria rugas em nossa pele, faz cair cabelos e desgasta os nossos ossos, e diante do assombro de nossa própria imagem grita a nós que estamos vivos, que não há tempo a se perder – é urgente viver encantado.

Nosso destino não é assustador por ser irreal; é assustador porque é irreversível e ferrenho. O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me devora, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo, infelizmente, é real; e eu, infelizmente, sou Borges.

Jorge Luis Borges

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo elaborar o tema da velhice a partir do viés psicanalítico, levando em consideração tanto os atravessamentos sociais e históricos que configuram essa etapa da vida quanto os impasses subjetivos que ela convoca. Inicialmente, discute-se a constituição da velhice enquanto categoria etária, social e política no ocidente, marcada por discursos médicos, pela institucionalização da aposentadoria e pelo avanço do capitalismo neoliberal, que ora transforma o velho em inválido, ora em mercado consumidor. Também é trabalhada a forma como a ciência e o discurso capitalista operam para silenciar o real da velhice e promover um ideal de envelhecimento positivo, negando a castração e os limites impostos pelo tempo, regido pelo modelo do novo. A psicanálise, nesse sentido, surge enquanto possibilidade de se encarar a velhice a partir de um novo viés, o qual aposta na singularidade do sujeito. Sob essa ótica, investiga-se a partir da orientação psicanalítica o tema do envelhecimento, debruçando-se primeiramente acerca das marcas que a velhice traz, percorrendo em torno da sociedade do espetáculo, do retorno ao eu Ideal, das mudanças provocadas na imagem e do espelho “quebrado”, além de elaborar sobre os lutos e a aproximação com a morte. Por fim, são discutidas as possibilidades diante da velhice, pensando como o desejo pode seguir operando mesmo com os atravessamentos do tempo. A partir das contribuições da psicanálise, sustenta-se que a velhice não deve ser pensada enquanto experiência generalizada, mas como um momento singular que exige novas simbolizações.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	p. 10
1 REVISÃO CRÍTICA ACERCA DA VELHICE	p.13
1.1 Os marcadores sociais da velhice	
1.2 A velhice sob a perspectiva da ciência e do capital	p.16
1.3 A velhice sob o olhar psicanalítico	p.18
2 AS MARCAS DA VELHICE	p. 21
2.1 A velhice e a sociedade do espetáculo	p. 21
2.2 O possível retorno ao Eu ideal	p. 24
2.3 Imagem e espelho – quebrado	p. 25
2.4 Luto e morte	p. 28
3 AS POSSIBILIDADES DIANTE DO IMPOSSÍVEL DA VELHICE	p. 31
3.1 O caráter da transitoriedade	p. 31
3.2 A clínica psicanalítica com idosos	p. 32
3.3 Mas afinal: o que se pode?	p. 34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 41

INTRODUÇÃO

Há muito, também eu não reparava no tempo. Não sei se por medo ou por desânimo. Os dias corriam sem ter minha atenção. Uma preguiça morna convivia comigo. O tempo faz menores os dias. Parece que a vida se encosta num canto, de tão cansada. Em criança, o tempo parecia mais leve e longo. De um Natal a outro parecia durar cem anos. Era muito longe. Hoje, ele é curto e demanda cuidados. A infância do menino me acordou. (QUEIRÓS, 2020, p. 21)

Uma escrita começa sempre antes do ato de escrever. Por isso, posso dizer que o meu trabalho tem início muito antes da sequer ideia de um tema para elaborar no final do curso. É provável que tenha começado quando eu era pequena, na relação com meus avós. Durante a minha infância, todos os domingos eram reservados especialmente aos meus avós. Aos quase 13 anos de idade, presenciei a morte de minha avó paterna, Zilma - mais conhecida como “vovó Didi” -, em sua casa: rodeada de seus familiares, morreu de mãos dadas comigo. A dimensão do que é morrer se apresentou para mim pela primeira vez dessa forma: minha avó, que tanto amava, deixou um buraco em meus dias, sem nunca se apagar da minha memória. Depois, a maior aproximação com meus dois avós maternos, Sergio e Elza, com quem morei por algum tempo, fez com que eu acompanhasse de uma forma mais madura o envelhecer de jeitos bem ambivalentes: minha avó mais introspectiva e silenciosa, meu avô mais expansivo e desejante. A situação se prolongou desse modo por muitos anos, até o momento em que ela começou a apresentar quadros demenciais que a faziam, muitas vezes, ter esquecimentos, confundindo-nos com familiares que já haviam morrido e a retornar sempre para uma época em que seus pais eram vivos. Repetia muito: “Quero ir para a minha casa.”. Ao se referir a sua casa, no entanto, referia-se não só a um lugar, mas a um tempo que não retornava mais. Enquanto isso, meu avô, muito disposto e lúcido, ainda que com certas limitações físicas, presenciava esse outro processo com um certo estranhamento, fazendo suas saídas diárias a bancos, bares, padarias, sempre com um espírito festejador, mostrando-se mais recluso apenas no momento em que a situação de minha avó se agravou. A morte dela o abalou intensamente e, a partir disso, deu-se a piora de meu avô, que teve seus problemas de saúde seriamente agravados, ocasionando em sua morte cerca de um ano depois.

Isto posto, envelhecer se deu, para mim, como um mistério. Utilizo este significante para tentar dar conta do que parece existir de inominável nessa experiência, que se dá de forma tão singular a cada sujeito, mas parece invocar, em alguns lugares, processos semelhantes. Para

a minha surpresa, ao longo das aulas de Psicologia do Desenvolvimento II, com a Prof.^a Dr.^a Flavia Lana, foram trabalhadas as etapas do desenvolvimento, passando pela infância, pela adolescência e, enfim, pela velhice. Durante todo o processo dentro da universidade, esse tema não havia aparecido para mim, reacendendo todas as questões que sempre levei comigo acerca da velhice. A apresentação do livro *O sujeito não envelhece*, de Ângela Mucida (2022), abriu um novo olhar sobre esse último momento, cercado de assuntos de tanto valor, como uma nova posição diante da vida, diferença da forma como se é encarado diante das mudanças provocadas pela velhice, perdas inúmeras – no campo do amor, da imagem, do trabalho, do social – e as exigências que se dão em meio a esse reposicionamento perante o envelhecer. Mucida (2022) defende que, embora o corpo envelheça, o sujeito não envelhece, de modo que há algo em todos nós que permanece frente à passagem do tempo. Ainda, a minha experiência enquanto estagiária no Serviço de Internação Masculina (SIM), no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, aflorou meus questionamentos. As aproximações que se deram com certos pacientes intensificaram a minha curiosidade acerca do envelhecer. Ouvia, muitas vezes, discursos que, embora de diferentes sujeitos, apresentavam muitas questões centrais em comum. Escutava sobre questões de abandono, aparência, aposentadoria, depressão, morte de amigos e familiares, medo da própria morte, nostalgia, sedentarismo, sensação de inutilidade, solidão e, talvez o principal, a perda de sentido da vida. Tais assuntos apareciam das mais diferentes formas, com certa tristeza ao serem comentados, assemelhando-se a um trabalho de luto em relação ao que um dia se foi. Nesse sentido, Ângela Mucida traz que:

As perdas advindas com o envelhecimento/velhice exigem sempre um trabalho de luto, pois é um momento no qual muitos rearranjos que o sujeito teceu para enfrentar o real desmoronam e com eles muitos dos ideais. Não podemos negar que, apesar de vivenciarmos perdas durante toda a vida, estas são mais frequentes a partir de certa idade - variável para cada um - impondo elaborações para a construção de outros ideais. (Mucida, 2022, p. 155)

De modo a investigar mais profundamente acerca desses temas, o presente trabalho se debruçará a partir dos disparos evocados nessa introdução. A velhice, que sempre esteve em meus pensamentos, ganha depois de muitos anos um espaço ainda mais concreto em minha vida: vira palavra. Hoje posso reconhecer os desdobramentos dessa questão e o porquê de suas marcas em mim. Quando percebo o que me aflige, sei que diz também disso que pôde retornar em uma pesquisa de final de curso, com a certeza de que as razões para isso ainda demandarão muito mais. Como ponto de partida da pesquisa, no primeiro capítulo será trabalhada a velhice a partir de uma revisão crítica, perpassando inicialmente por uma perspectiva social,

posteriormente por uma perspectiva atravessada pela ciência e pelo capital e, por fim, pela psicanálise. Essa revisão bibliográfica pretende localizar a velhice de acordo com os aspectos que podem atribuir a ela diferentes percepções. De modo a dar seguimento ao enfoque psicanalítico, o segundo capítulo se debruçará acerca das marcas da velhice. Em um primeiro subtópico, o estudo da ‘sociedade do espetáculo’, termo cunhado por Guy Debord, marcará a compreensão do mal-estar em torno dessa fase, uma vez que tornar-se velho faz furo ao ideal do novo, tão disseminado na contemporaneidade ocidental. Dando continuidade, uma vez que compreendido o mal-estar da velhice, será feita uma investigação a um provável retorno ao Eu ideal nesse período e os possíveis impactos desse retorno, e em seguida a relação das mudanças da própria imagem com uma ideia de estádio do espelho quebrado. Trabalhadas essas questões, o texto terá como objetivo trabalhar os lutos e a aproximação com a morte, dois temas centrais para o estudo. Diante disso, o terceiro capítulo, por fim, virá como uma possibilidade diante dos impossíveis em torno da velhice. De modo a estimular essa proposição, será trabalhada a questão da transitoriedade, trazida por Freud, e como a psicanálise pode atuar na clínica com idosos. Em conclusão, o último subtópico trará exemplos de duas grandes figuras da dramaturgia brasileira, que lidam com o envelhecer e trazem tal questão para o público, e assim poderemos ver caminhos para as possibilidades se concretizarem na prática. À luz do exposto, é no olhar para o que se perde no envelhecer e para a chegada do fim da vida que recebo, em contrapartida, mais questionamentos e mais vida, mantendo em movimento o desejo. É desse paradoxo que parto; é dele que não pretendo parar.

CAPÍTULO 1

1 REVISÃO CRÍTICA ACERCA DA VELHICE

Envelhecer devia de ser bom — a gente ganhando maior acordo consigo mesmo. Minha mãe dizia: — Todo amor... A meninice é uma quantidade de coisas, sempre se movendo; a velhice também, mas as coisas paradas, como em muros de pedra sossa. O Mutúm. Assim, entre a meninice e a velhice, tudo se distingue pouco, tudo perto demais. (GUIMARÃES, 1956, p. 691)

1.1 Os marcadores sociais da velhice

O demarcador que instala um sujeito na velhice possui suas variáveis de acordo com o parâmetro que decidirmos analisar. Em termos gerais, o envelhecimento pode ser encarado como o processo entre o nascer e o morrer de cada indivíduo, sendo a velhice um momento específico dentro desse desenrolar, marcada por importantes reduções e modificações de certas funções, não incluindo, necessariamente, o desenvolvimento de doenças (MUCIDA, 2022). De acordo com Hervy (2001 apud MUCIDA, 2022), o envelhecimento se dá como um processo que exige de cada sujeito uma tomada de posição, sendo cada um responsável por responder de acordo com as próprias “capacidades de reserva”, o que inclui uma dimensão fisiológica, psicológica e social. Sob essa perspectiva, o envelhecimento se daria de maneira individual a cada um. Se analisarmos os dados do Brasil, segundo a Lei nº 8.842, a qual se debruça sobre a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso, teremos que uma pessoa com mais de sessenta anos de idade é declarada idosa (Brasil, 1994). No entanto, quais são os elementos que podem demarcar o período da velhice? A partir desse questionamento, faz-se necessário pontuar como se deu o surgimento social dessa categoria etária na sociedade ocidental.

Sob esse viés, Luna Silva (2008) traça um estudo que defende que o ordenamento social das sociedades ocidentais na época moderna provocou o surgimento das categorias etárias, as quais não apresentavam separação nas sociedades pré-industriais. Para a autora, dois fatores foram fundamentais para que houvesse tal mudança: os novos saberes médicos e a institucionalização das aposentadorias. Dentro desse primeiro fator, cabe destacar a geriatria e a gerontologia, saberes que se dedicam sobre o corpo envelhecido e suas características sociais. O autor Katz (1995, apud SILVA, 2008), embasando-se em *O nascimento da clínica*, de

Foucault (1998), faz a identificação de um saber pré-geriátrico, classificado por ele como ‘discurso sobre a senescência’, indicando “(...) o aparecimento de uma forma de compreender a doença que toma o corpo como alvo do olhar médico e como sede das transformações que caracterizam a patologia. O resultado é a determinação do corpo envelhecido.” (SILVA, 1995, p.158).

Assim, a geriatria nasce a partir desse comando, e a velhice passa a ser compreendida sob o viés do adoecimento do corpo, com características que determinam o envelhecimento corporal, sendo o corpo reconstruído a partir do olhar da medicina moderna. Como traz a autora, esse novo discurso médico:

“[...] desbancou as concepções renascentistas acerca da morte, dos limites da longevidade e da velhice. A morte era entendida como um obstáculo a ser superado e a longevidade, principalmente nos casos excepcionais de centenários, como um evento tanto fantástico e mágico quanto revelador da racionalidade própria do corpo humano. A velhice, a longevidade e a morte eram estudadas a partir de questionamentos medicofilosóficos. A partir do surgimento da medicina moderna, tende-se a estudar a velhice e o processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis. A morte passou a ser vista, então, como resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos insuperáveis; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera.” (SILVA, 2008, p.158)

Sob esse viés, Laslett (1991, apud SILVA, 2008) pontua que a identificação entre velhice e doença instaurou no imaginário social uma associação que não se desentrelaça mais, apesar dos esforços. O surgimento da gerontologia, por sua vez, segundo Katz (1996, apud SILVA, 2008), deu-se em 1913, por Elie Metchnikoff, limitando-se apenas às intervenções médicas que possuíam o intuito de prolongar a vida. Contudo, ao longo do século XX, outras áreas adentram a gerontologia de modo a torná-la multidisciplinar, sendo tal ampliação fundamental para que houvesse o processo de institucionalização da aposentadoria, colocada como fruto do processo de industrialização, e marcado por Silva (2008) como outro fator fundamental para o estabelecimento da categoria etária.

A partir de um contexto francês, Lenoir (1979, apud SILVA, 2008) analisa os impactos gerados pela institucionalização das aposentadorias, com consequente surgimento de agentes de gestão. Ainda, é a partir da segunda metade do século XIX que esse tema ganha maior relevância, pois “(...) a velhice começou a ser objeto do discurso de legisladores sociais, dando ensejo à criação de instituições específicas, como as caixas de aposentadoria para a velhice, e à especialização progressiva de determinados hospícios em asilo para velhos.” (SILVA, 2008, p.159). Silva (2008) pontua que, embora os sistemas de aposentadoria tenham tido início anterior ao momento citado, o tema das pensões só passou a ser de interesse coletivo a partir do

momento em que as primeiras gerações de operários passaram a envelhecer e se tornaram incapazes de trabalhar. Logo, a velhice se torna atrelada à invalidez, pois não há mais possibilidade de produzir, havendo a criação de sistemas de aposentadoria pelos chefes das empresas. Tal fato, associando mais um fator negativo à velhice, contribui para o teor pejorativo dessa categoria no imaginário social, tal como traz a autora:

“As conseqüências da institucionalização dos sistemas de aposentadoria foram a criação de agentes especializados na gestão da velhice; a transferência da responsabilidade das famílias para esses novos agentes; e a consolidação da velhice como categoria etária. Mas outra conseqüência foi fundamental para a definição da emergente identidade etária da velhice: a associação inequívoca entre velhice e invalidez. De fato, em um momento no qual a capacidade e a posição do indivíduo no trabalho delimitam muito sua identidade, ser aposentado é ser efetivamente inválido, incapaz e ocioso. Tem início então uma associação entre velhice e incapacidade que só recentemente vem sendo desfeita.” (SILVA, 2008, p.160)

Ao mesmo tempo em que a institucionalização das aposentadorias solidificou a relação entre velhice e invalidez, Silva (2008) aponta que também foi dessa maneira que a velhice se estabeleceu como categoria política, sendo o aposentado um sujeito repleto de direitos, associando a velhice a uma nova posição subjetiva.

Levando em consideração o estabelecimento da velhice como uma categoria social, Groisman e Debert (1999, apud SILVA, 2008) destacam as décadas de 60 e 70 enquanto o segundo período de maior relevância à história da velhice, pois ela passa a ser considerada um problema coletivo e ganha maior apelo social, uma vez que há um aumento demográfico da população de idosos. No entanto, esse dado por si só não explica que o tema se torne um problema social relevante, sendo importante mencionar Debert (1999, apud SILVA, 2008) que pontua outros fatores contribuintes para tanto, como a institucionalização generalizada das aposentadorias – tal como dito anteriormente – e suas conseqüências econômicas, as quais incidem sobre as empresas privadas, as famílias e, sobretudo, o Estado, responsável agora por muito mais sujeitos.

A partir do exposto, é possível determinar os fatores que levam a velhice a se distinguir enquanto nova categoria – etária, social e política -, e como essa noção não se deu *à priori* aos sujeitos, mas a partir do contexto de modernização da sociedade ocidental. Ganham destaque, aqui, o novo olhar médico acerca do corpo, os saberes geriátricos e gerontólogos e a institucionalização da aposentadoria, os quais configuram um novo cenário à velhice. Tais transformações geram marcas no imaginário social, uma vez que o envelhecimento do corpo e a associação desse processo com as doenças e a finitude, assim como a noção de invalidez do corpo velho a partir da impossibilidade de produção no sistema trabalhista, produzem cenários

negativos acerca da concepção de velhice. É a partir dessa concepção negativa que se dará o próximo subtópico, o qual pretende se debruçar acerca da velhice sob a perspectiva cientificista e capitalista.

1.2 A velhice sob a perspectiva da ciência e do capital

Em *O sujeito não envelhece*, Ângela Mucida traz a velhice enquanto uma possibilidade de mal-estar na civilização. Freud (1930, apud MUCIDA, 2022) aponta o nosso corpo, o mundo exterior e a forma como nos relacionamos com outros seres humanos como as três raízes da infelicidade. A globalização, enquanto resultado de uma união do capitalismo moderno e da ciência, coloca imposto um modelo econômico e um estilo de vida únicos, sendo este o modelo americano (MUCIDA, 2022). Das características desse modelo, pode-se observar o neoliberalismo econômico, o qual é:

[...] comandado por leis do “mercado livre” (comandadas por regras rígidas de um mercado no qual prevalecem os grandes cartéis), “livre” circulação de homens, mercadorias, capitais e ideias, imperativo do novo e do consumo, mecanização da economia, informatização generalizada e, por fim, a tendência de se eliminar o sujeito em sua particularidade. (MUCIDA, 2022, p.71)

Assim, pode-se supor que, a partir da globalização, há o predomínio do individualismo, o consumo exacerbado de objetos e a desvalorização do Nome do Pai, tendo em vista o imperativo da liberdade e o embaçamento dos limites, das barreiras, daquilo que não se pode, visto que, segundo o modelo americano, todos somos livres e tudo é possível. A velhice, por sua vez, torna-se um mal-estar civilizatório a partir das restrições que se tornar velho pode vir a colocar e dos limites impostos pelo real. É a partir dessa perspectiva que a ciência e o capital se ocupam da velhice, tal como se ocupam de tudo o que expõe o real, em uma tentativa de tamponar os furos e as impossibilidades. Assim, como traz Mucida:

Falar da velhice incomoda porque expõe o limite ao qual todos nós somos submetidos. Falar de velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem e na relação com o Outro. A velhice exige novas transcrições e traduções. Ela desacomoda muitos “restos” deixados em qualquer canto à espera de um tratamento possível; desacomoda a procrastinação, desacomoda os futuros não cumpridos - mas que gostaríamos de realizar -, desacomoda a ideia de imutabilidade ou de permanência, desacomoda os ideais e as certezas nas quais todo sujeito busca se alojar. A velhice desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo. (MUCIDA, 2022, p.16)

Sob essa ótica, em *Psicanálise e velhice: o “idoso” é obsoleto?*, Glória Castilho, uma das grandes referências nacionais no estudo psicanalítico acerca da velhice, traz sua experiência ambulatorial para discorrer acerca do tema. O discurso capitalista, ao mesmo tempo em que localiza o velho como objeto de cuidados e obsoleto - obsolescência essa que se dá pela “improdutividade”, pelo afastamento do mercado de trabalho e aposentadoria, como visto no primeiro tópico do capítulo um -, também se dirige à velhice como mercado de consumo, tendo em vista a vasta oferta de tudo o que se propõe a apagar/minimizar os aspectos da velhice (DEBERT, 1991 apud CASTILHO, 2012). A partir dessa análise, fica evidente o tratamento do velho como objeto - ou como dispensável, ou como rentável, mas sempre à perspectiva de um certo assujeitamento.

É possível observar, nesse sentido, que ao ganhar visibilidade e espaço, a velhice se torna alvo do mercado, e é criado um compromisso com algo que pode ser denominado como envelhecimento positivo (DEBERT, 1999 apud CASTILHO, 2012), pois muitas das características da velhice se tornam passíveis de tratamento e são criados novos esforços para deter o tempo. Levando em consideração o cenário da população brasileira que, segundo estima o IBGE (2018), até 2060, terá em sua composição 25% de pessoas idosas, é possível detectar o crescimento da indústria da beleza que busca o rejuvenescimento. De acordo com a pesquisa levantada pela Euromonitor International, citada pelo Valor Econômico (2025), o Brasil já ocupa a quarta posição no ranking global de mercado de beleza e cuidados pessoais. No entanto, apesar dos esforços para deter as marcas do tempo, como traz Mucida (2022), o real insiste e as tentativas se veem falhas em algum momento. O resultado, inevitavelmente, é a frustração, pois a ciência “[...] não pode apagar, entretanto, a defasagem entre uma psique que funciona a partir de um ideal a ser cumprido e um corpo que não mais responde a tal ideal” (MUCIDA, 2022, p.79). Por isso, Mucida defende que:

“O grande triunfo da ciência é fazer calar tudo aquilo que fala” (SAURET, 2000). Isso pode ser observado claramente na estrutura do discurso capitalista atual. Nessa direção – fazer calar tudo que fala -, o idoso é, sobretudo, aquele que tende a ser extraído mais rapidamente de sua condição de sujeito, tornando-se aquele que já passou “de seu tempo”. Ocupa-se da velhice para fazê-la calar, pois a ciência não trata o real, apenas o silêncio. (MUCIDA, 2022, p.81)

Nesse contexto, envelhecer vai contra o discurso capitalista e a ciência atual, pois se mostra implacável e não passível de tratamento. Tal como traz Mucida: “Quando tudo se torna obsoleto num tempo mínimo, é o próprio sujeito que está em causa: envelhecer torna-se também obsoleto.” (2022, p. 80/81). Torna-se, então, claro, o que Freud (1930 apud MUCIDA, 2022)

disse ao anunciar que o progresso científico não traz ao homem a tão esperada felicidade, sendo ineficaz por não aliviar o medo das perdas e não aplacar a angústia. Em meio a tantos impasses, uma das grandes questões levantadas por Mucida (2022) é:

[...] que novo é esse? Que novo é esse que se faz à revelia de uma história e não pressupõe nenhuma posição nova do sujeito diante da vida? Esse novo (...) é um “novo” da repetição interminável, sem tréguas, mesmo torneado por novas vestimentas. Um novo do excesso, sem um ponto de basta pelo qual o passado poderia ser reinscrito e atualizado. Um novo, portanto, sem memória. Sem o que reatualizar, sem como recontar e fazer uma cadeia significante particularizada, o sujeito que não se globaliza sob imperativo algum está cada vez mais solitário para conduzir seu desamparo. (MUCIDA, 2002, p.81/82)

Assim, embora estejamos de frente ao avanço das tecnologias, a velhice aparece como esse real que insiste e não sucumbe ao imperativo do novo, ainda que em meio a tantas tentativas de ilusão. Diante da ordem de que todos devem gozar, tornar-se velho se coloca como um limite ao gozo ou como um furo diante do encontro prometido com o objeto (MUCIDA, 2022). A velhice, por sua vez, podendo ser encarada como esse símbolo da castração em um mundo em que se enfraquece o Nome do Pai, enfrenta na contemporaneidade um desamparo cruel. É a partir desse cenário que a psicanálise, discurso que vai na contramão do discurso atual, “[...] pode ater-se a esse tão velho e novo *sintoma*, a velhice, dando a ele novos contornos, apostando cada vez mais no sujeito em detrimento do universal” (MUCIDA, 2022, p.83). Pensando a psicanálise como uma possibilidade para o sujeito em processo de envelhecimento, o próximo subtópico se debruçará acerca da velhice a partir do viés psicanalítico e as considerações em torno do tema.

1.3 A velhice sob o olhar psicanalítico

A análise de materiais bibliográficos acerca do tema da velhice, a partir de uma perspectiva orientada pela psicanálise, revela, até em suas próprias discussões, a necessidade de as investigações em torno dessa temática serem ampliadas. Segundo os escritos de Freud, a clínica psicanalítica com idosos tenderia ao fracasso, uma vez que “... o tratamento tomaria tanto tempo, devido à acumulação de material, que ao fim [...] teriam chegado a um período da vida em que nenhum valor atribui à saúde nervosa” (FREUD, 1918 apud MUCIDA, 2022). Essa afirmativa corroborou, por muito tempo, a ideia da inviabilidade da clínica na velhice, embora o próprio Freud tenha relativizado esse pensamento a partir da afirmação de que a idade não

seria o fator de impedimento de um tratamento, mas sim a relação de cada sujeito com seu próprio sintoma e a vontade - ou não - de livrar-se dele (MUCIDA, 2022).

Ainda em Freud, é preciso pontuar que há a proposta da questão do sujeito sob uma perspectiva contrária à psicologia do desenvolvimento (MUCIDA, 2022). Nesse sentido, Freud sugere, “[...] com base nos conceitos de inconsciente, pulsão, repetição e realidade psíquica, que as primeiras marcas deixadas no sujeito pela intervenção do Outro não se perdem jamais e formam um conjunto que servirá de polo de atração para outros traços” (MUCIDA, 2022, p. 26). Assim, compreende-se que não há a noção de um sujeito que passa por fases guiadas por uma perspectiva evolutiva, pois há sempre algo que permanece intraduzível, mesmo em contextos distintos. Diante do exposto, quais os parâmetros que podem ser analisados, sob o viés da psicanálise, para afirmar que uma pessoa envelheceu?

De acordo com Messy (2002 apud Mucida, 2022), psicanalista francês, seria possível se tornar idoso, no sentido de ganhar idade, sem, contudo, passar pela velhice, pois: “[...] o envelhecimento constitui-se de diversas perdas e desinvestimentos objetivos, bem como de aquisições (investimentos objetivos).” (MUCIDA, 2022, p.29). Desse modo, o entendimento de envelhecer porque se ganhou idade, como se conhece popularmente, perde um pouco a força segundo tal ideia, visto que o envelhecimento dependerá de processos para além do envelhecimento biológico. A partir da ideia de Messy, Mucida desenvolve que a velhice, enquanto momento em que há algumas perdas de laços com o Outro, provocará a necessidade de fazer o luto dos objetos perdidos e implicará a criação de novas formas de desejo (MUCIDA, 2022).

Trazendo novamente Messy, este lança duas hipóteses em torno da velhice: “[...] a velhice é “uma ruptura brutal de equilíbrio entre perdas e aquisições, e um processo que se caracteriza pela posição do indivíduo idoso”.” (MUCIDA, 2022, p.30). Para Mucida (2022), essa primeira hipótese reconhece o real da velhice, porém não aposta na possibilidade de novas inscrições nessa etapa, sendo tomada apenas em um teor negativo: ruptura brutal. Tal ideia seria compartilhada pela psicanalista francesa Maud Manonni (1995, apud MUCIDA, 2022), a qual propõe que a entrada na velhice se dá a partir da perda do desejo. Em relação à segunda hipótese, esta propõe que a posição do idoso é o que poderia configurar a entrada na velhice. No entanto, como traz Mucida (2022), não há como desconsiderar a passagem do tempo, pois há que se contar com a inscrição temporal diferenciada, o que faz com que, por exemplo, muitos dos projetos que se tem para o futuro se tornem inviáveis a partir de uma determinada idade. Diante dessas análises, Mucida conclui que:

Não compactuamos que se possa passar pela vida sem passar pela velhice, e ela não implica por si mesma a morte do desejo. Ao mesmo tempo, as possibilidades de resposta não são as mesmas aos 20 e aos 90 anos. Se a idade cronológica, a aposentadoria, as marcas corporais, as doenças são demasiadamente imprecisas para se definir a velhice, não se pode, por outro lado, desconhecer que o tempo impõe seus efeitos. Faz-se necessário conceituar a velhice a partir de um enlaçamento particular do real, imaginário e simbólico. Não é possível passar pela vida desconhecendo o real das perdas que a velhice acarreta – incluindo a relação do sujeito com o imaginário -, o trabalho de luto e a exigência de tratamento desse real pelo simbólico. Ressaltamos contudo a importância essencial dessas conceituações ao se destacar o caráter indestrutível do desejo que não tem idade, não tem a idade de nossos vasos sanguíneos ou nossos órgãos. Nessa direção, a velhice implica um saber vestir esse desejo. (MUCIDA, 2022, p.31)

Seguindo ainda as ideias de autores sob o viés psicanalítico, Le Gouès (2001 apud MUCIDA, 2022), psicanalista francês, define o envelhecimento enquanto o momento em que o fantasma da eternidade se defronta com o limite, que até então fora ignorado pela libido. Até então, acreditaria-se que há uma convicção narcísica da imortalidade do eu, que nos faria pensar que somos imortais, sendo a morte uma ameaça distante. Mucida (2022) interroga se tal questão não poderia se dar em outro momento da vida, a partir de um encontro com o real ou de uma grande perda. Além disso, Le Gouès (2001 apud MUCIDA, 2022) também associa a velhice à crise de meia-idade, em que a finitude é marcada e há uma desestabilização da economia da vida sexual, defendendo que a genitalidade corporal é diminuída antes da genitalidade psíquica, ou seja, o corpo envelhece ainda que o psíquico permaneça da mesma maneira. Desse modo, seria imposto um novo real a partir desse momento e um novo conflito se daria, pois: “[...] a velhice seria um processo que colocaria em tensão o Eu com o *isso*; o “eu sabe que vai morrer, face ao *isso* que o ignora, o aparelho psíquico entra em um conflito de finitude, um conflito tópico”.” (MUCIDA, 2022, p.35). Aqui, pode-se observar a ferida narcísica gerada e o trabalho de luto a partir do confronto com a castração, como traz Mucida:

Contrapondo-se à temporalidade do eu está a atemporalidade do *isso*, associando a velhice à vivência de finitude, marcada por uma ferida narcísica, seja pela impossibilidade de se adiar a realização do desejo, seja pela ideia da morte real. A resposta à nova prova de realidade poderia abrir-se a retificações, aos lutos e à mudança de posição subjetiva, delimitando, pois, a indestrutibilidade do desejo. Ou, de outra forma, a velhice atualizaria a problemática da castração a partir do luto do que se foi e do que se é. Ela inscreveria uma alteração significativa do narcisismo: luta entre o investimento em si mesmo e o desinvestimento que se abre à morte. A velhice é também representada como a ascensão crescente da pulsão de morte; confrontação entre o desejo e sua realização, implicando efeitos importantes na economia libidinal. (MUCIDA, 2022, p.35)

Sob outro viés, a psicanalista francesa Charlotte Herfray (1988 apud MUCIDA, 2022) coloca o envelhecimento enquanto um processo inerente à existência, sendo a velhice o

momento específico em que haveria um movimento dialético de forças que ora puxam para a vida, ora puxam para a morte, sendo crescente a pulsão de morte. Porém, relata dificuldade para uma definição objetiva da idade na velhice. Para a autora, haveria, na velhice, momentos de intenso trabalho psíquico – crises – devido ao confronto do desejo e de sua realização, além de momentos de lutos acerca do passado e das diversas perdas, sendo atualizada a problemática da castração. Já para Balier (1976 apud MUCIDA, 2022), psicanalista, psiquiatra e psicogeriatra francês, a velhice ocasionaria uma alteração significativa do narcisismo, sendo concomitante o sentimento de desvalorização, sendo preciso procurar no narcisismo a explicação de certos comportamentos considerados patológicos da velhice. Sob esse prisma, as perdas da velhice acarretariam efeitos sobre o narcisismo do sujeito, havendo uma luta constante entre o investimento afetivo que se tem em si próprio e o desinvestimento que abriria à morte.

De modo a trazer a contemporaneidade, Mucida (2022) cita o psicanalista húngaro Sandor Ferenczi e o psicanalista alemão Karl Abraham. Quanto ao primeiro, afirma que é quem possui as teses mais negativas – além de, por vezes, segregativas - em torno da velhice, afirmando que as pessoas com mais de cinquenta anos não possuem plasticidade dos processos psíquicos, declarando que os idosos não são educáveis e que se tornam demasiadamente narcísicos. Em contramão a esse autor, Abraham (1920 apud MUCIDA, 2022) afirma que a idade da neurose vale mais do que a idade do neurótico, o que traz um olhar otimista em relação a um possível tratamento do sujeito idoso.

Por fim, cabe trazer a conclusão de Mucida (2022) acerca da velhice, a qual defende que tal processo se dá de maneira singular a cada sujeito, sendo uma experiência particular. Por isso, alega que:

Cada um envelhece apenas de seu próprio modo, e não existe uma velhice natural, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa. Esse “destino pessoal” traçado na velhice é completamente singular, e cada um inscreverá determinada forma de gozar que lhe é própria. Se a velhice é um destino singular a ser traçado por cada sujeito, ela não pode ser reduzida à idade cronológica e, muito menos, à diminuição de determinadas funções orgânicas, como ficou demonstrado. (MUCIDA, 2022, p.40/41)

A partir dessa discussão, entendendo que tanto um trabalho penoso pode se dar durante esse momento, quanto uma nova circunscrição pode ser realizada, o presente projeto se debruçará, nos próximos capítulos, a investigar cada uma dessas possibilidades, sem desconsiderar a particularidade da velhice para cada sujeito.

CAPÍTULO 2

2 AS MARCAS DA VELHICE

devíamos ser assim, a cada três segundos ficávamos impressionados com a mais pequena manifestação de vida, porque a mais ridícula coisa na primeira imagem seria uma explosão fulgurante da percepção de estar vivo. compreendes. a cada três segundos experimentávamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação. (MÂE, 2011, p.256)

2.1 A velhice e a sociedade do espetáculo

Tendo em vista a passagem do autoerotismo ao narcisismo e a consolidação de um eu Ideal para dar conta da fragmentação corporal, faz-se necessário partir para a imagem do velho perante a sociedade. Recorreremos, então, à Helder Pereira e Elizama Costa (2018), em *A imagem da velhice como espelho despedaçado*, que discorrem acerca da espetacularização da vida e citam Guy Debord (1997), quando este afirma que tudo se tornou uma representação. Para os autores, o sujeito é um objeto descartável que perde a sua singularidade e passa a viver mascarado dentro do espetáculo. Esse cenário produz uma valorização do que se mostra, ou seja, da imagem que o sujeito passa, sendo a velhice um problema justamente por isso, porque fere o ideal estimado. Nesse sentido, “segundo Debord (1997, p.14), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Tudo o que vemos e o que somos é o tempo todo influenciado por aquilo que não é.” (COSTA; PEREIRA, 2018, p.20/21). Esse imaginário, regido pela mediação de imagens, força a representação do sujeito a todo momento, porque quase sempre é priorizado o que se passa ao invés do que se é. Dessa forma, a vida passa a ser vivida tal como uma peça de teatro, cheia de encenações, e o que se cria é uma exaltação à beleza e seus aspectos, sendo tais representações dificultadas na velhice, uma vez que é uma fase em que há estranhamento e sofrimento, e, “conforme aponta Mucida (2006 p.70) “[...] quanto mais enlaçada ao corpo e às demonstrações fállicas é a cultura, mais a velhice se torna um palco de sofrimento para aqueles que a contemplam ou a vivenciam” (COSTA; PEREIRA, 2018, p.21). Sob essa ótica, a velhice aparece como um furo do ideal, pois o que se busca é a beleza e juventude, seguindo o padrão estipulado pelo espetacularização.

Nesse movimento, há uma tentativa de mascarar a velhice, que, embora evitada, insiste nas marcas do corpo. Como discutido no capítulo um, entram aqui os procedimentos estéticos

para tentar tamponar os sinais do corpo envelhecido, corpo esse que, dentro da sociedade do espetáculo, hipervaloriza a imagem e é encarado como deformado. Simone de Beauvoir pontua, nesse cenário, que a velhice se mostra para a sociedade como um tipo de segredo do qual se deve ter vergonha, sendo indecente falar sobre o envelhecimento (BEAUVOIR apud COSTA; PEREIRA, 2018). Assim, a tentativa de manter o corpo jovial é uma tentativa de não se tornar invisível ou menosprezado, e envelhecer se torna possível quando o idoso ainda se mostra com características joviais. Sob essa ótica, discute-se em torno dessa mercantilização, como trazem os autores:

[...] o espetáculo é o fenômeno da aparência. A sociedade também prioriza o consumismo, com ênfase no individualismo. No espetáculo, Debord (1997) conceitua a imagem como uma relação social, ou seja, como uma espécie final da mercadoria, modificando as percepções e as sensações. As pessoas no espetáculo almejam alcançar a fama por meio da admiração, ser reconhecida como uma estrela e obter sucesso. Assim, os destinos dos idosos são tristes; na sociedade do espetáculo, são segregados e abandonados. O sucesso é atribuído aos jovens e o insucesso, aos velhos, excluídos da sociedade do espetáculo. (COSTA; PEREIRA, 2018, p. 25)

Pode-se notar, então, um mal-estar diante da velhice, momento vivido como a denúncia do fracasso de toda uma civilização, uma vez que faz marco ao instaurar que o prazer não pode durar para sempre (BEAUVOIR apud COSTA; PEREIRA, 2018). Pode-se perceber, então, um profundo mal-estar em relação à velhice, uma vez que este momento da vida denuncia a falência de muitas das promessas que sustentam nossa civilização (BEAUVOIR apud COSTA; PEREIRA, 2018). A figura da velhice surge, então, como um alerta definitivo de que o tempo é finito e de que os momentos de prazer não se estendem – e nem podem se estender – indefinidamente. Essa percepção funciona como uma denúncia de fracasso, pois coloca em questão o paradoxo das aspirações humanas, almejantes da perpetuidade, do sucesso e do prazer a qualquer custo, e a realidade inescapável que impõe a limitação temporal. Assim, ao instaurar o reconhecimento de que o prazer não pode durar para sempre, a velhice produz um furo civilizatório, um ponto de inflexão das ilusões criadas.

Cabe aqui ilustrar essa questão se utilizando do filme *Crepúsculo dos Deuses* (1950), dirigido por Billy Wilder. A obra narra a história de Norma Desmond, uma ex-estrela do cinema mudo, que vive a vida reclusa em sua mansão, alimentando o delírio de um retorno triunfal às telas. Quando o roteirista Joe Gillis entra em sua vida, ela o transforma em objeto de sua fantasia, enquanto ele, por interesse, se deixa arrastar por sua decadência. A figura de Norma nos apresenta de forma marcante o mal-estar diante da velhice dentro dessa lógica da espetacularização: ao recusar o tempo que passa, ela se agarra à imagem idealizada de si mesma,

revelando como a sociedade do espetáculo exige do sujeito uma representação constante, mascarando a singularidade em prol de uma imagem mercantilizável e jovem. Norma, então, encarna o colapso do ideal narcísico, a tentativa fracassada de tamponar os sinais do envelhecimento com maquiagem, fantasia e delírio. Como aponta Mucida (2021), quanto mais a cultura se enlaça ao corpo e à performance fática, mais a velhice se torna um palco de sofrimento, como é ilustrado no filme. Nessa lógica, o envelhecimento é vivido como um furo do ideal, aparecendo enquanto lembrete da finitude que rompe com as promessas de prazer contínuo.

2.2 O possível retorno ao Eu ideal

De modo a investigar o trabalho penoso que pode se instaurar na velhice, cabe trazer, em um primeiro momento, o que Mucida (2022) propõe em seu livro *O sujeito não envelhece*, no capítulo “O imaginário na velhice: imagem e corpo”, ao desenvolver sobre o narcisismo e a formação do eu. Para tanto, faz-se necessário revisitar *Sobre o narcisismo: uma introdução*, em que Freud (1914) aborda conceitos valiosos para tal articulação. Inicialmente, o investimento libidinal do bebê é feito no próprio corpo, a partir da satisfação das zonas erógenas por meio das pulsões parciais. Há, em tal processo, uma fragmentação autoerótica, em que ainda não se experiencia a unificação. Esse momento em que a satisfação é encontrada em si mesmo como uma imagem unificada foi postulado por Freud como narcisismo primário, o qual se configura a partir de um investimento maciço – e até exagerado, porém necessário – dos pais no bebê, tal como explicitado no trecho: “Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos” (FREUD, 1914, p.25). Tal movimento pode ser visto como um renascimento narcísico dos pais, pois se criam as expectativas diante da criança para que ela possa vir a ser, quem sabe, o que os pais não conseguiram, com todas as qualidades desejadas. Esse amor desfrutado na infância funda a noção do Eu e propõe a experiência de unificação, marcando a passagem do autoerotismo para o narcisismo. Marca-se aqui, também, a constituição do Eu ideal, onde se encontra essa grande estima por si próprio, vivenciada pelo seu Eu real no período infantil (FREUD, 1914).

Contudo, esse momento de intenso investimento parental e júbilo é atravessado pelo desenvolvimento do Eu, sendo preciso que se dê um distanciamento do narcisismo primário para que desse objeto de investimento parental emergja um sujeito. Com intensa dificuldade de renunciar à perfeição narcísica infantil, mas não conseguindo mantê-la devido a admoestações durante o desenvolvimento, há a inauguração de uma tentativa de recuperá-la sob o aspecto de

um ideal do Eu (ibidem). Assim, as exigências do mundo também se colocam, tal como se colocaram para os seus pais, à criança, e o que é projetado para si enquanto ideal atua como substituto à perda do narcisismo infantil (ibidem).

Nesse sentido, Mucida traz que: “O ideal do eu desempenha uma função “tipificadora no desejo do sujeito” e, encontrando-se ligado a toda economia libidinal, é fundamental no enlaçamento do sujeito ao Outro” (MUCIDA, 2022). A partir dessa noção, a autora sugere que o encontro com o real de um corpo em transformação, imagem que pode ser difícil de suportar e que pode antecipar a perda irreparável de certas modificações, para além de outras perdas que dizem respeito à formação e manutenção de laços sociais, as quais poderiam dar certa sustentação ao ideal do Eu, pode promover um retorno ao Eu ideal, que se representa pela identificação aos objetos (ibidem). Na precariedade desse ideal que media o eu e o narcisismo, sendo o ideal do Eu também enfraquecido pela carência dos traços simbólicos, podem se dar alguns estados, como traz Mucida:

Assim, a carência de traços simbólicos introjetados pelo ideal do eu, pelos quais o sujeito se via susceptível de ser amado, na ausência de um ideal que possa servir de mediador entre o eu e o narcisismo e na carência de laços sublimatórios, poderá subsistir para alguns idosos tanto o apego aos objetos quanto o predomínio do ódio, além de estados depressivos passageiros ou não. Isso que o senso comum costuma caricaturar como “mania de velho” – apego excessivo aos objetos, observado em alguns idosos – parece-nos uma tentativa de se manter determinada consistência de si mesmos. Agarrando-se aos objetos especuláveis, buscam promover certo tipo de identificação de si mesmos aos traços depositados nos objetos. (MUCIDA, 2022, p.99)

Essa falta de traços simbólicos, então, corrobora atitudes e sintomas conhecidos na velhice. Na questão da “mania de velho”, os idosos se apegam a objetos carregados de significados na tentativa de preservar a consistência de si. Assim, observa-se que as perdas concernentes à velhice têm impacto sobre o narcisismo. Ainda, o ideal do Eu, que na vida adulta pode estar relacionada aos ideais a serem alcançados, depara-se com impeditivos na velhice – tais como o tempo para a realização desses ideais e as limitações do corpo –, podendo causar uma certa regressão e a produção de sintomas que procuram tratar o real exposto, ainda que por uma via de muito sofrimento (ibidem). Desse modo, a regressão libidinal tende a ocorrer quando o investimento objetal se depara com os obstáculos do real, retroagindo ao narcisismo primário.

2.3 Imagem e espelho - quebrado

“Só os outros envelhecem, ou seja, “para aquele que envelhece, a velhice aparece então como um sonho em que ele não pode acreditar. São os outros que envelhecem,

é aquilo que o cerca que perde o sentido, e até o próprio corpo, afligido por uma mudança que é também uma traição” (BIANCHI, 1993, p.109). (COSTA; PEREIRA, 2018, p.34/35)

Mucida retoma em sua escrita, para depois justificar uma ideia de Messy, o estádio do espelho, de Lacan. De acordo com tal fase, “a criança bem pequena não tem ainda uma matriz simbólica de seu próprio corpo, necessitando do Outro para fazer desse corpo orgânico – nomeado por Lacan como “carne” – um corpo erogeinizado” (MUCIDA, 2022, p.105/106). Nesse processo, que acontece entre seis meses a um ano de idade, a criança antecipa uma imagem de si própria, consistente e estruturada, a partir do encontro com um Outro que ela percebe como inteiro, como se ela e a mãe fossem um só corpo, sendo a mãe uma extensão de si, não havendo diferenciação da realidade externa; enquanto no início há um corpo fragmentado, a partir desse encontro materno é proporcionada à criança uma imagem ideal de si, um eu ideal (MUCIDA, 2022). Essa separação da mãe, agora percebida enquanto fora da criança, deixa marcas, construindo uma sensação de falta. Assim,

É interessante situar esses dois momentos que se cruzam: da insuficiência à antecipação, pois, em verdade, somos sempre insuficientes em relação a nossa apreensão corporal e antecipamos pelo Outro aquilo que podemos ser, mas esse Outro apenas nos fornece uma imagem antecipada e não uma imagem real de nós mesmos. (MUCIDA, 2022, p.106)

Apesar dessa imagem ser antecipada, e não a real de nós mesmos, ela é consistente e contribui para a formação de um sentido que possibilita que o sujeito possa se nomear como um “eu” (ibidem). Além disso, “o estádio do espelho constitui-se também como uma “identificação”, ou seja, essa “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”.” (MUCIDA, 2022, p.106). Sob essa ótica, Messy (2002 apud MUCIDA, 2022) propõe que enquanto a adoção de uma imagem pela criança proporciona prazer, a velhice proporciona uma imagem mais desagradável, e o momento de regozijo possibilitado anteriormente pode vir a encontrar, conforme o passar dos anos, uma angústia que se dá não pela predição de uma imagem totalizante, mas de um corpo despedaçado; assim, não haveria mais uma projeção no sentido de um ideal do eu, predominando um eu repulsivo, que se dá pela queda do ideal.

Para o autor, essa percepção antecipada de despedaçamento (*morcellement*), em francês conjuga-se com *mort* (morte) e *scellement* (colagem, cimentação) – faz ressurgir o fantasma do corpo despedaçado. Se a primeira experiência do estádio do espelho é retroativa – pelo menos na neurose o sujeito não para nessa experiência –, é sempre um retorno ao passado, essa vivência de despedaçamento vivida muitas vezes na velhice é, ao contrário, uma antecipação sem retorno, pois várias das mudanças em

curso não oferecem perspectivas de novas aquisições. Ao contrário, tratando-se da imagem são perdas que não encontram nenhuma reparação e com as quais o sujeito deverá se conformar e se adaptar. A imagem traçada na velhice pode trazer um reencontro ao estágio do espelho, mas dessa vez pelo espelho “quebrado”, com os mecanismos presentes no segundo momento do estágio do espelho, sobretudo pela agressividade contra essa imagem que se vê e se odeia, tentativa de matar esse outro no qual o idoso se aliena. (MUCIDA, 2022, p.109)

Assim, a experiência do espelho quebrado se dá nesse momento de repúdio à própria imagem e à desidealização, onde o estranhamento surge e dá lugar a uma recusa de si. Essa fase de quebra do ideal não se dá simplesmente por mudanças estéticas, mas à constituição do sujeito, o qual é marcado de maneira irrevogável. Diferente de outros momentos, como a infância e a adolescência, em que há lutos de passagem, mas sempre sobre a promessa de novas aquisições, na velhice o estranhamento à própria imagem proporciona a dificuldade de se reconhecer nessa nova posição que se ocupa, o que faz com que muitos acreditem que velho é sempre o outro, e muitos, ao invés de realizarem o trabalho de luto que se coloca diante de tantas mudanças e perdas e escassez de novas promessas, permanecem agarrados à imagem interna que tinham de si mesmos. Em *O estranho*, Freud (1919) traz um relato pessoal que exemplifica essa estranheza e a ideia de que velho é o outro: estava viajando de trem quando em dado momento a porta do banheiro se abre, mostrando um senhor de idade. A surpresa vem quando percebe que essa imagem é seu próprio reflexo, assustando-se com o seu “duplo”, que pensou ser um estranho.

Diante disso, como trazem Costa e Pereira (2018), o idoso se depara com o fato de estar aprisionado em um corpo que já não responde mais da mesma forma, sendo um impeditivo às vontades e aos desejos. Em meio às frustrações da falta de promessas referentes à vida pela frente, como traz Goldfarb (1998 apud COSTA; PEREIRA, 2018), há a discrepância entre a imagem inconsciente do próprio corpo e a imagem devolvida pelo espelho, que anuncia os limites. No concernente às perdas, uma fuga pode se dar a partir do apego ao passado. Mucida (2009 apud COSTA; PEREIRA, 2018) defende que os traços que não são passíveis de apagamento podem corroborar a ideia de que o tempo não passou, dando a sensação de que eles ainda existem, promovendo um escape ao passado, que retorna atualizado. Essa tentativa possui o objetivo de preservar o eu, tentando esconder as marcas do real que o tempo insiste em escancarar, disfarçando as perdas. Desse modo, a estratégia de fuga coloca em fricção a ilusão de continuidade e a crueza da finitude, pois ao adotar esse mecanismo o idoso pode vir a experimentar uma cisão entre o que um dia foi e o que hoje é. A ruptura disso pode dar lugar a uma grande dor, pois se perdida a evocação do passado, o encontro com o presente contará com

lutos não elaborados. Por isso, é preciso um trabalho comprometido com os lutos, de modo a dar espaço para novas formas de ser que não sejam tão penosas na velhice.

2.4 Luto e morte

Mucida (2022), com o intuito de elaborar acerca do trabalho do luto, traz *Luto e Melancolia*, em que Freud (1917) sinaliza os dois conceitos como diferentes: enquanto inicialmente ambos produzem semelhanças, tendo em vista a perda e as duras sensações provocadas – dor, imensa tristeza -, o primeiro diz de um trabalho que lida com aspectos do real. Há, nesse sentido, a perda de um objeto, acarretando o desinvestimento libidinal desse objeto e, apesar de penoso, todo esse processo acontece com um respeito à realidade. No segundo conceito, em contrapartida, há um delírio punitivo, havendo sentimentos que autorrecriminam o sujeito, com um intenso esvaziamento do eu e grande domínio do gozo, sem contar com um trabalho simbólico, como acontece no luto. Dessa forma, ao invés da relação objetual recair sobre outro objeto, retorna ao eu, ocasionando uma identificação entre o eu e o objeto amado perdido, fazendo com que o eu também se perca. Seguindo essa linha, Mucida (2022) traz formalizações lacanianas para pontuar que o trabalho de luto só é possível se o sujeito possui capacidade de metaforizar – e, por isso, acontece na neurose -, ou seja, fazer a substituição de um significante por outro, sendo diferente na melancolia, pois essa está relacionada à psicose, uma vez que há o fracasso do recalque originário, não havendo representantes pulsionais.

Na velhice, são muitas as perdas e poucas as promessas de um futuro. Durante a vida, a suportabilidade de eventuais perdas pode se mostrar maior, uma vez que a capacidade de compreendê-las conta, também, com aquilo que se ganha ou que se espera ganhar. A dificuldade, então, se mostra quando as perdas parecem maiores e os ganhos não se colocam tão claros assim: muitos ao redor começam a morrer, não se vê mais o trabalho como um ponto central – há a questão da aposentadoria -, a beleza passa a se tornar mais questionável, o corpo não responde tão rapidamente às vontades. É fato que o sofrimento é inerente a qualquer processo de luto, mas a capacidade de suportar que algo sempre irá faltar – inclusive reconhecer a insuficiência de significantes para nomear a dor - possibilita que o sujeito possa construir respostas em cima disso (MUCIDA, 2022). Tal como traz a psicanalista,

Sem pretender apagá-los, o luto, sustentando-se também pelo não todo, pode reinscrever algo diverso com aquilo que resta de toda perda. Não obstante, reafirmamos, só há luto por um gozo interdito, já que os significantes são essenciais

para fazer furo ao real insuportável que imobiliza o conjunto de significantes. (MUCIDA, 2022, p.154)

Na tentativa de articular o processo de luto com a prática clínica das demências, Katia Cherix e Nelson Junior (2018) supõem que, nas demências, o processo de luto ocorreu de forma possível, mas que o aparelho psíquico atingiu um limite na sua capacidade de realizar o desligamento da libido nos objetos. Dessa forma, o aparelho fica carregado de energia desligada, voltada para o Eu como um tipo de reserva, sem conseguir direcionar essa energia para novos investimentos em outros objetos. Nesse contexto, os autores trazem que é possível perceber uma conexão entre o termo médico “depressão” e a abordagem psicanalítica, em que a depressão pode tanto representar um luto saudável quanto um processo patológico, relacionando-se também aos sintomas que aparecem nas demências, especialmente a perda da memória, sendo preciso muita atenção no momento de realizar um diagnóstico.

Nesse contexto, “o luto exigindo significantes, como acentuou Lacan em *Hamlet*, exige também rituais que possam auxiliar na elaboração da perda” (MUCIDA, 2022, p. 154). É preciso, por isso, o conjunto de significantes inscritos pela cultura, uma vez que eles possibilitam o tratamento do real, podendo atenuar a angústia e dar contorno ao sofrimento. Mucida (2022), no entanto, pontua que a tendência do discurso atual é o de apagar o real, citando como exemplo o recolhimento da morte para dentro dos hospitais, gerando um afastamento, uma forma de lidar de longe com isso que atravessa e instaura um buraco. Nastassja Martin (2023), antropóloga francesa, em seu livro *A leste dos sonhos: Respostas even às crises sistêmicas*, discorre acerca do adoecimento da sociedade moderna no que tange ao distanciamento de tudo aquilo que ameaça a sua integridade, do que se mostra incontrolável, como a morte. Elabora esse pensamento ao dizer do ritual de morte de uma senhora (Memme) do coletivo even, em que o processo se dá de maneira muito pessoal. Sobre isso, reflete:

Adotar um lugar, cavar você mesma o solo para colocar o corpo do ser amado, nomear os objetos para se separar deles e reunir os vivos em torno do vazio é escolher qual forma lhe dar. Isso é *formar o vazio*. Formar um corpo em torno do vazio. Não para preenchê-lo, mas para torná-lo significativo. As mãos que se ocupam da madeira, da terra, do fogo, das cinzas, são maneiras de recriar o coletivo em torno do que há de mais incerto e incontrolável, de não humano e misterioso: a morte. Roubaram de nós nossos mortos, penso novamente um pouco antes de adormecer. Ninguém roubou Memme. (MARTIN, 2023, p.34)

É notório, a partir do exposto, a maneira como a sociedade moderna, ao invés de se apropriar daquilo que assusta e causa sofrimento para traçar formas de lidar com o que se mostra, muitas vezes, inominável, mas possível de vivenciar se encarado e ressignificado, se

afasta ao perceber que não pode controlar ou evitar o indesejado – a morte. Sabe-se que a morte chega para todos aqueles que estão vivos, mas esse saber não anula a grande dificuldade em relação à compreensão absoluta de tal fato, como no seguinte trecho:

[...] é impossível imaginarmos a nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como expectadores [...] no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade. (FREUD, 1915 apud MUCIDA, 2022, p.134]

Sob essa ótica, podemos perceber que inconscientemente estamos convencidos – ainda que erroneamente – de nossa própria imortalidade. A complexidade com a qual é encarado o tema da morte é abordada por Juliana Castro-Arantes (2016) ao trazer que o sujeito não possui registros da própria morte, o que provoca uma falta de representação do homem em torno disso, ilustrando tal questão com Ivan Ilitch, personagem de Tolstói. Nessa obra, Ivan se encontra em declínio vital, prestes a falecer, em completo desespero, e mesmo sabendo de sua condição não conseguia se acostumar a ela, tendo em vista a ausência de possibilidades imaginativas acerca do seu fim de vida. Ainda, a autora pontua que embora as pessoas vivenciem dores em decorrência da perda de seres amados, há a impossibilidade de experimentar a si mesmo enquanto morto, revelando aqui o impossível da morte. Traz, ainda na escrita de Tolstói, outro cenário para ilustrar o que diz: ““O próprio fato da morte de um conhecido tão próximo despertou, como de costume, em cada um que teve dela um conhecimento, um sentimento de alegria pelo fato de que morrera um outro e não ele. ‘Aí está, morreu; e eu não’ – pensou e sentiu cada um” (TOLSTÓI, 2006, p.9)” (CASTRO-ARANTES, 2016, p.639). Aqui, a personagem vê a morte do outro, mas se alivia ao perceber que essa vivência diz, também, do fato de ter continuado viva. Assim, seja na angústia de não poder imaginar a própria morte, seja nas muitas mortes simbólicas que acompanham esse momento – inclusive a morte da juventude –, são muitas as formas de sofrimento e os lutos com os quais o idoso se depara. A questão que fica é: o que resta, então?

CAPÍTULO 3

3 AS POSSIBILIDADES DIANTE DO IMPOSSÍVEL DA VELHICE

Se crescer é ver seus sonhos morrerem, então crescer se torna morrer. Melhor esnobar os adultos, quando nos fazem acreditar que os compartimentos já estão lá, prontos para serem preenchidos. (MARTIN, 2021, p.70)

3.1 O caráter da transitoriedade

Envelhecer, em parte, é reconhecer o caráter transitório da existência. Freud (1916 [1915]), em seu texto *Sobre a transitoriedade*, conta de um dia em que fez uma caminhada junto de um amigo e de um poeta. No caminho, chama a sua atenção a inquietação do poeta, o qual admirava a beleza sem conseguir extrair alegria do momento, pensando que tudo o que observava estava fadado à extinção quando chegasse o inverno, tal como todas as outras coisas que, um dia, chegariam ao fim. A transitoriedade, então, angustiava o poeta: nada possuía valor, pois tudo era transitório. As exigências do poeta, no entanto, referiam-se à exigência de imortalidade, que: “(...) por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade; o que é penoso pode, não obstante, ser verdadeiro.” (FREUD, 1916 [1915]). Diante desse cenário, Freud pontua que o transitório não diminui o valor do que é belo, e sim aumenta:

O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, pode de fato ser considerado eterna. (...) Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. (FREUD, 1916 [1915], p.2)

Seguindo essa lógica, o assombro diante da aproximação com a morte é compreensível, mas quando esse vira o tema que rege a vida do sujeito são ignorados os inúmeros fatores que atribuem beleza à vida. A situação relatada por Freud aconteceu antes da guerra, que irrompeu um ano depois, destruindo muitas das coisas que eram consideradas imutáveis, subtraindo a

beleza do mundo. Entretanto, os bens perdidos não deixaram de ter valor ao desaparecerem. A renúncia ao que se perde exige um luto para que possa ser liberada a libido, possibilitando que haja a substituição dos objetos perdidos por outros também preciosos. Na velhice, da mesma maneira, muito do que se perde foi valioso, e não deixa de ser porque se foi: é preciso, então, reconhecer o valor do passageiro para que novas possibilidades possam surgir. Tal reconhecimento, contudo, não acontece sem que exija um processo psíquico complexo, pois é preciso elaborar os lutos, renunciar aos ideais de permanência e compreender que o passageiro também é o que atribui valor. Envelhecer, nesse sentido, não está reduzido à experiência da perda, mas às possibilidades de reconfiguração dos investimentos libidinais nesse momento da vida em que há muito desinvestimento - tanto de si quanto do outro, assim como visto nos capítulos anteriores - e à abertura de novos sentidos.

3.2 A clínica psicanalítica com idosos

Mas afinal, o que pode a clínica psicanalítica com idosos? José Maurício da Silva (2018), em *A clínica psicanalítica com idosos: uma construção*, pontua que muitos dos pacientes idosos que procuram por análise possuem como principal queixa o esvaziamento de sentido. A partir disso, provoca a questão do que poderia, então, o psicanalista diante de tais levantamentos. Diferente da ideia de generalização, que costuma nos colocar frases como: “Todo idoso é teimoso”, a psicanálise aposta na singularidade de cada sujeito. É por esse viés que a psicanálise convida o sujeito a falar e, nesse ato, a ressignificar a sua história, oferecendo um lugar em que cada um possa perceber qual é a sua posição diante daquilo que causa seu próprio sofrimento, de que maneira ele se implica no que conta, na sua história e, também, em seu desejo, pois o desejo é da ordem do inconsciente (SILVA, 2018). Assim:

Entende-se, portanto, que é a partir dessa instância – sujeito do inconsciente – que se deve abordar a clínica com o idoso, condição necessária para ultrapassar a dimensão biológica, cultural e outras vertentes teóricas e concepções anônimas em que os significantes envelhecimento ou velhice sugerem. O objeto de estudo da psicanálise – o inconsciente – autoriza-nos a afirmar que sujeito analítico é o sujeito do inconsciente, e este não envelhece, ou seja, quando falamos de realidade psíquica não há diferença entre um evento passado e um atual. (SILVA, 2018, p. 117)

Sob essa lógica, assim como traz Mucida (2006, p. 18 apud SILVA, 2018), o que importa será a forma como o sujeito se colocará diante da falta do Outro e de sua própria relação com o

desejo, o qual não é determinado pela idade, não sendo relevante, portanto, a quantidade de material psíquico. Ainda, Silva (2018) reforça que o conceito de pulsão não segue o critério desenvolvimentista, pois é sempre parcial, e que a sexualidade adulta é a infantil. Dessa forma: “Em análise, o sujeito é convocado a falar de seus atos; atos que são marcados pelo inconsciente e, em última análise, estimulados pelo próprio desejo” (SILVA, 2018, p. 118). Partindo dessa noção, as questões devem ser sempre deslocadas para o campo simbólico, independente do tempo cronológico, promovendo um trabalho de subjetivação. Pode-se pensar que existe um encontro estranho de uma instância que não está submetida ao conceito de envelhecimento – o inconsciente – e de um corpo que, sim, envelhece (ibidem). Corrige afirmando que esse processo, na verdade, é um desencontro, e que tal como o mal-estar geralmente é o que conduz o sujeito à análise, o desajuste desse desencontro é o que possibilita que o sujeito precise se haver com um reposicionamento diante de sua própria existência.

Ainda, o autor defende que: “O psiquismo tem por função a manutenção da continuidade do prazer, do interesse, do sentido, do fluxo constante de investimento tanto em si, como no corpo, nos outros, nas atividades, nas ideias e no mundo exterior” (ibidem, p. 118). A função do psiquismo, então, relaciona-se à capacidade de direcionar investimentos para além do próprio eu, sendo esse princípio de grande valor na clínica com idosos, uma vez que é a possibilidade de construir significados próprios na vida que ajuda o sujeito a se afastar de processos de autodestruição subjetiva. Silva (ibidem) traz o caso de uma analisanda de 82 anos que liga para ele todas as manhãs dizendo do que já fez – levantou da cama, tomou café, tomou banho, trocou de roupa – e que não sabe o que fará em seguida. Fica evidente nesse exemplo o vazio que toma conta de seu dia após esses rituais matinais, concluindo que a única maneira de retirar a senhora de sua concha narcísica é acolher o que ela diz e ser como uma “caixa de ressonância”, expressão de Jacques Miller. Nesse lugar, conduz: “Costumo responder-lhe: “Legal. O que podemos fazer hoje?”. Percebo que a palavra “podemos” traduz uma possibilidade de auxílio – que o analista está com ela – por onde Eloá escorrega seu desejo na construção de um sentido.” (ibidem, p. 118/119). Assim, essa resposta coloca em fluxo a pergunta da analisanda, pontuando que não está sozinha.

Considerando o que foi apresentado, fica evidente que, como traz Mucida (2014), a análise com idosos se torna possível quando há uma aposta de que reside em cada sujeito um ser falante que possui recursos singulares – prontos a serem descobertos – para tratar o Real. Silva (2018), ao elaborar em torno da convocação da fala do sujeito como forma de dar lugar ao próprio desejo, defende que, perante ao desamparo, cabe a cada um criar, a partir da sublimação, seu próprio modo de existir e de habitar dentro de seu mundo interior. Compete,

portanto, a cada sujeito se manter desejante para que nesse movimento o desamparo possa ser gerenciado sem que tenha o poder de aprisionar e estacionar a vida na velhice. A escuta clínica se revela como um espaço fundamental para que o sujeito possa ressignificar sua experiência e se reinventar diante das perdas e das transformações do envelhecer.

3.3 Mas afinal: o que se pode?

Tendo em vista tudo o que foi apresentado, é necessário pontuar que no mundo já se fala mais sobre velhice. Se há tempos eram ignoradas questões que dizem de um mal-estar, que muitas vezes é construído pela forma como o social lida com aquilo que gera algum tipo de conflito – como a exaltação do novo e o rechaço do velho –, na contemporaneidade muito se diz sobre os processos de envelhecimento. É possível observarmos, inclusive, grandes atrizes tomando a frente desse diálogo, como a atriz Fernanda Montenegro, na época com 83 anos, em entrevista ao *O Globo* (2013), onde conta sobre a sua estreia na direção teatral e a sua participação em três filmes e uma novela. Na conversa, diz: “Melhor idade? Imagina. Você vai perdendo a audição, a visão, o paladar, sua pele vai secando. Mas é uma realidade, que vai piorar se você começar a achar que é uma desgraça. É da natureza e ponto, vamos tocar a vida.” (O GLOBO, 2013). Ao reconhecer as limitações da velhice, não nega o fato de que há muitas coisas ruins que vêm por conta desse envelhecimento.

O reconhecimento dessas partes ruins, entretanto, não cristaliza o pensamento de Fernanda, que encontra uma maneira de subjetivar as suas constatações, uma vez que o choque com o inevitável – como os limites impostos pelo corpo – não precisa servir como uma máxima desastrosa. Acrescenta, ainda: “Eu me poupo desse charme de falar “não quero mais, daqui a pouco vou parar”. No máximo é um desabafo de uma tarde de verão. Fisicamente você pode até dizer “puxa, mais uma vez sair por aí afora”, mas o espírito te leva com muita alegria.” (ibidem). A saída encontrada por Fernanda pode ser identificada na continuidade da aposta em seu trabalho, onde encontra motivação para seguir. Em matéria do UOL, com a estreia do filme *Vitória* em 2025, aos 95 anos, o portal conta dois segredos de Fernanda para encarar o envelhecimento: “(...) encontrar um canal, “algo que alimente o ser humano”. (...) “O primeiro é uma predisposição que tenho para a vida. O outro é ter uma vocação, porque ela é inarredável”.” (UOL, 2025).

A reflexão de Fernanda Montenegro sobre o envelhecimento ilustra de forma prática a perspectiva psicanalítica sobre a clínica com idosos, conforme discutida por Silva (2018).

Embora reconheça as limitações físicas impostas pela idade, a atriz vai na contramão da visão da velhice como um total impeditivo para a continuidade de sua vida, demonstrando uma postura ativa e subjetivada diante das transformações do corpo. O investimento no trabalho revela um modo de sublimação que cria sentido e movimento o desejo. Esse movimento de ressignificação, que enfrenta o inevitável “desencontro” entre corpo envelhecido e inconsciente atemporal, reforça a importância de uma clínica que valorize a singularidade e a capacidade do sujeito de se reinventar em qualquer idade que se encontre.

Além de Fernanda Montenegro, o envelhecimento também é discutido pela atriz Andréa Beltrão. O papel para o qual foi escalada na novela *Um lugar ao sol* (2022) gerou polêmicas ao trazer os padrões de beleza que rompem com o ideal do novo. Ao ser questionada sobre o envelhecimento em entrevista à *Vogue* (2022), responde:

Para mim, o envelhecimento é uma questão que se apresenta de várias maneiras. As mudanças visíveis no rosto e no físico, algumas (ou muitas) limitações que surgem, podem ser paralisantes ou provocantes. Trabalhar, viver ativamente com liberdade, amar, ser livre, são coisas muito importantes para manter o brilho, a paixão pela vida e pelos outros. Eu não me considero bem resolvida com o meu envelhecimento, mas só tenho esta vida, este aqui e agora, quero viver com força e prazer. Gosto da vida. Demais. E gosto de me cuidar, não para preservar uma juventude que já foi, mas para estar bem. (VOGUE, 2022)

Tal como Fernanda, Andréa tem a postura de reconhecer suas questões negativas e seus problemas com a velhice, mas não deixa que o processo seja fator determinante em sua vida. Quando perguntada sobre o porquê de o envelhecimento das mulheres incomodar tanto, responde:

Não sei se o nosso envelhecimento incomoda ou se ele nos coloca em situação de descarte fácil, mas isso está tão fora de moda. É como se tudo que há dentro de nós, nossas idéias, nossos desejos, nossas vidas, enfim, tudo que vivemos como experiência e que se transforma em conhecimento, pudesse ser deixado de lado porque rugas surgiram. (ibidem)

O incômodo revelado às mulheres que optam por envelhecer sem se render aos procedimentos estéticos que prometem o rejuvenescimento diz de uma sociedade do espetáculo, como descrita por Debord (1997) e retomada por Costa e Pereira (2018), que pontua que o valor do sujeito está atrelado à imagem que ele projeta, tornando-o refém de uma representação constante. A velhice, nesse contexto, representa um “furo” no espetáculo, pois desafia o ideal dominante de beleza e juventude, este que causa o descarte e a invisibilização de tudo o que representa o envelhecimento. Essa dinâmica cria um cenário onde envelhecer é vivido como fracasso, pois denuncia a impossibilidade de perpetuar a imagem e o prazer que a cultura do

novo promete. Em contramão a essa tendência, as experiências de figuras como Andréa Beltrão e Fernanda Montenegro evidenciam um respiro a essa lógica. Ao contarem a própria história e ao criarem novos sentidos para a velhice, elas mantêm em movimento o desejo, assim como aposta a psicanálise, questionando o poder absoluto do novo e ressignificando tudo o que pode conferir valor à vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- E você tem medo do tempo?
- Depende. Em dias de alegria, eu tenho; em dias de dor, não.

Bartolomeu Campos de Queirós

Conforme discutido no capítulo um, a noção de velhice conta com uma construção social, histórica e política, distanciando-se da simples noção de idade cronológica. A partir do processo de modernização das sociedades ocidentais, o surgimento dos saberes médicos — como a geriatria e a gerontologia — e a institucionalização das aposentadorias contribuíram para a consolidação da concepção de velhice enquanto categoria etária. Essa nova visão possibilitou que o corpo envelhecido fosse encarado como objeto de intervenção clínica, influenciado pelo olhar biomédico, o que proporcionou que a velhice passasse a ser atrelada aos processos de adoecimento e, conseqüentemente, à improdutividade e à invalidez. Ao mesmo tempo, o surgimento de sistemas de aposentadoria provocou também uma mudança na posição subjetiva do sujeito idoso, o qual passou a ser visto tanto como inválido quanto como titular de direitos. Essa associação entre velhice e incapacidade permanece presente no imaginário social, embora, como demonstra Silva (2008), esse mesmo processo também tenha permitido que a velhice se tornasse uma categoria política. A discussão ainda mostra como o aumento da população idosa e as consequências econômicas da aposentadoria reforçam a questão da velhice enquanto uma questão coletiva, tendo em vista que, a partir desse olhar, o idoso se torna um sujeito de direitos. Nesse sentido, percebe-se que a velhice é formada por múltiplos atravessamentos sociais, simbólicos e históricos.

Na perspectiva da ciência e do capital, a velhice aparece como um mal-estar na civilização, uma vez que coloca em evidência temas centrais como o limite, a perda e a castração. Mucida (2022) afirma que, na lógica do discurso capitalista, a velhice se torna incômoda por não corresponder aos ideais de permanência e gozo contínuo. O velho, por sua vez, é visto como obsoleto por sua suposta improdutividade e, ao mesmo tempo, passa a ser encarado como mercado de consumo. Cria-se, então, a ideia de envelhecimento positivo, marcando o momento em que a indústria propõe apagar os efeitos do tempo, promovendo uma falsa promessa de controle sobre o real. Contudo, a tentativa de calar o envelhecimento é sempre fadada à frustração, pois o corpo velho é um corpo que não responde ao ideal, e a ciência, por sua vez, encontra os seus limites porque não trata o real, apenas o silencia. Nesse sentido, a

velhice desacomoda, exigindo lutos, novas traduções e confronto dos sujeitos com seus ideais quebrados e futuros não realizados. Dentro dessa perspectiva, em uma sociedade marcada pelo imperativo do novo, tornar-se velho equivale a tornar-se obsoleto. A psicanálise, nesse cenário, propõe-se a escutar esse mal-estar.

Sob a perspectiva psicanalítica, Mucida (2022) propõe pensar a velhice não como um fim, mas como um momento singular que exige trabalhos de luto, reconfiguração do desejo e elaboração simbólica das perdas. A autora aponta que a psicanálise não se orienta por uma lógica desenvolvimentista, mas por marcas singulares que permanecem ao longo da vida. A velhice, portanto, é atravessada pelo tempo e por mudanças nos laços com o Outro, exigindo novas formas de inscrição subjetiva. Não se trata aqui de negar o corpo que envelhece, mas de considerar que o sujeito permanece desejante – e esse deve ser o trabalho dentro de uma análise –, apesar dos efeitos do tempo. Para Mucida (*ibidem*), envelhecer é enfrentar o real da finitude e da castração, mas também a possibilidade de novas construções psíquicas e posições do sujeito, marcando que a velhice se dá de maneira singular a cada um e que a psicanálise oferece um espaço para que esse percurso se realize por meio da palavra.

Quando ao segundo capítulo, discute-se a sociedade do espetáculo, como demonstram Costa e Pereira (2018) a partir de Guy Debord (1997), que aponta para a ideia de como o corpo envelhecido representa um furo no ideal. A cultura pós-moderna, marcada pelo excesso de imagens e pela valorização do considerado belo, sempre atrelado ao novo, intensifica o mal-estar diante da velhice. Sob essa ótica, a imagem jovem e performática é exaltada, e o corpo que envelhece passa a ser visto como deformado, oculto e, conseqüentemente, excluído. Sob o comando da espetacularização, o idoso aparece como fracasso, denunciando a falência das promessas de sucesso e prazer constantes, tendo em vista que a velhice revela que o tempo é finito e que o prazer não se estende indefinidamente. É nesse momento que os procedimentos estéticos tentam mascarar os efeitos do tempo, mas a imagem envelhecida insiste em retornar, visto que o real sempre persiste. A velhice, por sua vez, torna-se indizível, envolta em vergonha e silêncio, revelando o mal-estar que sua imagem provoca.

Ainda, discute-se acerca de como a velhice, atravessada por perdas simbólicas e transformações corporais, pode marcar o retorno ao Eu ideal. Mucida (2022), ao abordar o ideal do Eu e suas fragilizações, mostra que o encontro do sujeito com o corpo envelhecido pode levar à tentativa de recuperação da consistência narcísica por meio da identificação com objetos e apegos excessivos, muitas vezes caricaturados como “manias de velho”. Nesse sentido, observamos que a regressão ao narcisismo primário acontece como tentativa de defesa frente ao real do corpo em transformação. O ideal do Eu, que antes possibilitava uma sustentação, é

enfraquecido, promovendo o desamparo do sujeito diante das inúmeras perdas. Assim, esse retorno ao Eu ideal se mostra quando há fragilização das vias simbólicas capazes de suportar a imagem que se impõe – e, junto dela, os muitos limites impostos. O corpo, que uma vez se deu como fonte de prazer, se torna um território de estranhamento, e o sujeito, por sua vez, busca se reconhecer em objetos e memórias, tentando manter uma imagem coesa de si mesmo.

Em outro subtópico, é trabalhado o espelho quebrado proposto por Messy (2002) e retomado por Mucida (2022), ideia que aponta para uma nova experiência de imagem: a do corpo despedaçado, sem possibilidade de retorno. Se na infância a imagem provocava júbilo, na velhice ela aparece como angústia, marcando a queda do ideal, e aquilo que se reflete no espelho já não corresponde mais à imagem idealizada de si, provocando grande estranhamento. Nesse cenário, muitos permanecem agarrados ao passado, buscando na memória e nos traços do que um dia foram alguma garantia de que ainda o são. A velhice, então, coloca-nos frente a tudo o que fomos e que já não somos, tornando mais evidentes as perdas do que os ganhos, o que posiciona o sujeito frente novas simbolizações diante do que se apresenta, exigindo duros trabalhos de luto. Para além, discute-se a morte, que, nesse processo, se torna presença constante. Embora seja difícil de simbolizar, visto que não há representação inconsciente da própria morte, o tema cerca aqueles que se aproximam dela, pois se veem diante do mistério do morrer. A questão que se impõe é: o que fazer com aquilo que resta?

No último capítulo, por fim, são discutidas as possibilidades diante do impossível da velhice. Inicialmente, é elaborada a questão da transitoriedade, em que Freud, ao contar a história do poeta inquieto com a ideia de que tudo se mostra passageiro, aponta que o valor das coisas não diminui por sua efemeridade, sendo o valor conferido justamente por conta da finitude. Em relação análoga, na velhice é necessário passar por um processo psíquico complexo para elaborar o luto e renunciar à ideia de permanência, compreendendo que tudo chega ao fim e que o valor das coisas se dá também na finitude. Por isso, é preciso a compreensão de que tudo o que foi importante permanece valioso, mesmo após ser perdido, e que é necessária uma nova subjetivação para manter em movimento a vida. Assim, envelhecer não significa apenas perder, embora muito se perca, mas também a possibilidade de ressignificar desejos e dar lugar a novos sentidos. Não se nega, diante disso, que o sofrimento existe, mas ele não é o único caminho: a vida pode manter o seu valor e a sua beleza no que permanece – mesmo depois de se ter perdido tanto - e no que ainda pode surgir.

No que tange à clínica psicanalítica com idosos, compreende-se que essa parte da aposta na singularidade de cada sujeito, afastando-se das generalizações que costumam marcar tal fase da vida. Muitos idosos chegam à análise com queixas de esvaziamento de sentido e é justamente

nesse ponto que a escuta psicanalítica se mostra essencial, pois convoca o sujeito a falar e oferece um espaço onde cada um pode ressignificar sua própria história e se reposicionar diante do desejo. Partindo da ideia de que o sujeito não envelhece, o trabalho não deve nunca se limitar à cronologia. Nesse sentido, o sujeito é convidado a se implicar naquilo que relata, mantendo o interesse, o prazer e o sentido em circulação. O que se pode na clínica é apostar que, mesmo com limitações, o sujeito pode desejar, criar e se reinventar diante do que, inicialmente, se mostra paralisante. Os exemplos finais vêm com as experiências de Fernanda Montenegro e Andréa Beltrão e escancaram possibilidades perante o impossível, sem invisibilizar as dificuldades do processo, mas com a evidência de que existem novas formas de se reposicionar na vida a fim de se manter desejante e não recuar frente ao tempo.

Embora a discussão acerca das possibilidades diante da velhice possa se estender, ainda há poucas contribuições norteadas a partir desse viés. A carência de produções psicanalíticas orientadas por esse olhar talvez se deva pelo fato de que, se avaliarmos a questão a partir de um recorte socioeconômico brasileiro, envelhecer pode ser encarado muito mais como um encontro com a precariedade, devido à carência de políticas públicas para garantir um bem-estar durante o processo e . Nesse cenário, a potência de invenção e o investimento que a velhice exige pode acabar restrita a classes mais favorecidas, visto que as mais fragilizadas precisam dar conta de outras questões, ainda que o fator socioeconômico não dê conta das capacidades simbólicas de cada sujeito. A partir da produção do presente trabalho, espero dar início a mais investigações orientadas em cima dessa perspectiva, de modo a contribuir para a abertura de novos caminhos na velhice.

Embora a discussão acerca das possibilidades diante da velhice possa se estender, ainda há poucas contribuições norteadas a partir desse viés. A carência de produções psicanalíticas orientadas por esse olhar talvez se deva pelo fato de que, se avaliarmos a questão a partir de um recorte socioeconômico brasileiro, envelhecer pode ser encarado muito mais como um encontro com a precariedade, como mostra relatório da PUCRS (2023), em que é notificado que 2,8 milhões de idosos vivem abaixo da linha de pobreza no Brasil. Nesse cenário, a potência de invenção e o investimento que a velhice exige pode acabar restrita a classes mais favorecidas, visto que as mais fragilizadas precisam cuidar de outras questões, ainda que o fator socioeconômico não dê conta das capacidades simbólicas de cada sujeito. A partir da produção do presente trabalho, espero dar início a mais investigações orientadas em cima dessa perspectiva, visando à abertura de novos caminhos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREA Beltrão: no palco não há etarismo, o teatro é o lugar da liberdade. Vogue, São Paulo, 19 ago. 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/sua-idade/noticia/2022/08/andrea-beltrao-no-palco-nao-ha-etarismo-o-teatro-e-o-lugar-da-liberdade.html>.

BORGES, Jorge Luis. **Nova refutação do tempo.** In: _____. Outras inquisições. Tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 166.

BRASIL movimenta R\$ 48 bilhões anuais no mercado de estética. Valor Econômico, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2025/01/23/brasil-movimenta-r-48-bilhoes-anuais-no-mercado-de-estetica.ghtml>.

CASTRO ARANTES, Juliana. **Os feitos não morrem: psicanálise e cuidados ao fim da vida.** Ágora (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 637–662, set.–dez. 2016. DOI: 10.1590/S1516-14982016003013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/v8rcKkMhFGbZM3wvcSnqZbq/>.

CHERIX, Katia; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Luto e melancolia nas demências: a psicanálise na clínica do envelhecimento.** Trivium, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 182-195, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000200006&lng=pt&nrm=iso.

CREPÚSCULO DOS DEUSES. Direção: Billy Wilder. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1950. Filme.

1 em cada 4 brasileiros terá mais de 65 anos em 2060, aponta IBGE. G1, Rio de Janeiro, 25 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/07/25/1-em-cada-4-brasileiros-tera-mais-de-65-anos-em-2060-aponta-ibge.ghtml>.

Fernanda Montenegro já revelou cuidados e segredos de sua longevidade; veja. UOL, São Paulo, 17 mar. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2025/03/17/fernanda-montenegro-ja-revelou-cuidados-e-segredos-de-sua-longevidade-veja.htm>

Fernanda Montenegro reflete sobre envelhecimento: a profissão que a mantém ativa aos 83 anos. O Globo, Rio de Janeiro, 3 mar. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/fernanda-montenegro-reflete-sobre-envelhecimento-a-profissao-que-mantem-ativa-aos-83-anos-7725755>.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 12).

FREUD, Sigmund. **O estranho (Das Unheimliche).** Ensaios em PDF. Disponível em: https://conteudos.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/ensaio-o-estranho_freud.pdf.

FREUD, Sigmund. **Sobre a transitoriedade (1916 [1915])**. Tradução de Paulo César de Souza. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/transitoriedade-freud.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MARTIN, Nastassja. **A leste dos sonhos: resposta even às crises sistêmicas**. São Paulo: Editora 34, 2023.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MUCIDA, Ângela. **Atendimento psicanalítico do idoso**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. São Paulo: Autêntica, 2022.

PEREIRA, Helder Rodrigues; COSTA, Elizama Franciane da. **A imagem da velhice como espelho despedaçado**. 2014. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), Barbacena, 2018. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/trabalhos-academicos/a-imagem-da-velhice-como-espelho-despedacado/>.

PUCRS Data Social: 2,8 milhões de idosos vivem abaixo da linha de pobreza no Brasil. PUCRS, Porto Alegre, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/noticias/impacto-social/idosos-pobres-no-brasil/>.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Tempo de voo**. 3. ed. [São Paulo.]: Global, 2020. 48 p.

ROSA, João Guimarães. **Corpo de Baile: Sete Novelas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956. 2 v.

SILVA, José Maurício da. **A clínica psicanalítica com idosos: uma construção**. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, n. 49, 2022. Disponível em: <https://cbp.org.br/2022/n49a11.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. Trivium, v. 15, n. 1, p. 155–168, jan.–mar. 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v4n1/v4n1a06.pdf>.

UM LUGAR AO SOL. Direção: José Luiz Villamarim. Brasil: TV Globo, 2021. Novela de TV.